

HISTÓRIAS DE INOVAÇÃO



APRESENTA

"CIDADES PARA PESSOAS, SOLUÇÕES PARA MUNICÍPIOS"

Como inovação, tecnologia e gestão eficiente podem
transformar os municípios em Santa Catarina

Reportagem & textos:



CAPÍTULO 1:

O desafio dos municípios catarinenses para adotar e desenvolver soluções de inovação e tecnologiapágina 3

CAPÍTULO 2:

Turismo, educação e tecnologia: cases de transformação e inovação em municípios catarinensespágina 7

CAPÍTULO 3:

Banco de projetos inaugurado no Congresso de Prefeitos vai conectar municípios e startupspágina 12

CAPÍTULO 4:

Como criar um roteiro de inovação para os municípios em Santa Catarinapágina 16

EPÍLOGO:

Entrevista com André Trigueiro: "Os prefeitos podem desenvolver uma curiosidade cidadã"página 20

*HISTÓRIAS DE INOVAÇÃO é um projeto da agência de notícias **SC Inova**, mantenedora do portal www.scinova.com.br e especializada em produção de conteúdos e reportagens para o ecossistema de inovação*

Reportagens:

Fabício Umpierres Rodrigues - scinova@scinova.com.br

CAPÍTULO 1: O desafio dos municípios catarinenses para adotar e desenvolver soluções de inovação e tecnologia



Enquanto empresas e pessoas se adaptam às novas ferramentas digitais e mudam a forma de viver e trabalhar, quem atua na gestão pública encara um dilema: como acompanhar a velocidade da evolução tecnológica, que cria novas maneiras de prestar atendimento aos cidadãos e até mesmo de controlar as finanças públicas? A dor é especialmente sentida pelos municípios, que concentram a maior parte dos serviços à população e são os entes que menos recebem recursos dos impostos arrecadados no país – apenas 18% do total.

“Será preciso refundar a maneira de administrar as cidades e cuidar da vida dos cidadãos”, responde Rui Braun, diretor executivo da Federação Catarinense de Municípios (FECAM).

Esta situação díspar – em que a sociedade e iniciativa privada “voam” na adesão de tecnologias e a administração pública demanda mais agilidade e uma nova mentalidade de inovação – levou a Fecam a rever seu posicionamento estratégico. “Uma de nossas tarefas é repensar o papel dos municípios na construção de espaços de vida saudáveis, inteligentes, integradores e sensíveis para as pessoas”, comenta Rui, “e para isso estabelecemos nossa própria tripla hélice operacional: empoderar prefeitos no seu

papel estratégico, aprofundar as técnicas e metodologias de gestão eficiente e transformar as cidades por meio da inteligência”.

Por isso, a entidade abraçou novos temas de discussão em seu principal evento, como o desenvolvimento de cidades inteligentes e o compartilhamento de boas práticas ligadas a tecnologia, inovação e gestão. Em maio passado, a Fecam e o Consórcio de Informática para Gestão Pública Municipal (CIGA) lançaram o Prêmio Soluções Inovadoras, que tem como objetivo apresentar e fomentar ideias para o desenvolvimento dos municípios. A participação foi aberta para startups, incubadoras e empresas com produtos já desenvolvidos nas categorias de Cidades Inteligentes e Gestão Eficiente. Serão selecionados três vencedores em cada categoria, que passam a integrar o Laboratório de Inovação Urbana de Florianópolis e terão reuniões de alinhamento com representantes da Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE) durante o Congresso de Prefeitos.

“Parece haver um fenômeno nesse momento, pois o mercado começa a olhar o espaço público como um campo de negócios. Nos últimos meses, grandes empresas no estado e no país, que até então não tinham um olhar para novas ferramentas voltadas à gestão pública, estão começando a procurar soluções. Seja no cadastro para conversão de dados, leitura de território ou questões tributárias. De nossa parte, queremos nos aproximar também destes novos modelos de negócio e ajudar a formar novas parcerias”, avalia o diretor da Fecam.

Em paralelo ao prêmio Soluções Inovadoras, foi lançado um banco de boas práticas – também com foco em inovação e gestão eficiente – para que os gestores municipais conheçam as ações realizadas em outras cidades e possam replicar localmente. Em menos de 30 dias, mais de 90 ações foram cadastradas. A partir do congresso, este banco de ideias estará disponível para todos os municípios catarinenses.

“Grande parte destas boas práticas são iniciativas para aumentar a arrecadação e a eficiência de recursos financeiros – esta é uma das principais questões pros municípios responderem. E não adianta resolver aumentando impostos para quem já paga, o Brasil sempre foi calcado nesse modelo. Santa Catarina tem um problema sério na

atualização de cadastro imobiliário, por exemplo. Tem é que usar a tecnologia para cruzar dados, monitorar quem não paga”, comenta Moisés Diersmann, presidente do CIGA e prefeito de Luzerna, cidade de 6 mil habitantes na região do Contestado e que se destacou por ter criado, há cinco anos, uma das primeiras leis municipais de inovação em Santa Catarina.

“Isso aconteceu porque criamos uma incubadora pública na cidade e precisávamos de um marco regulatório. Como é que você pode tributar uma empresa que produz aplicativos, por exemplo? A tecnologia avança rapidamente mas a legislação estava atrasada. E a questão legal é uma das barreiras mais importantes para que os municípios sejam mais inovadores”, explica Moisés. O CIGA e a FECAM são algumas das entidades que participam do Grupo de Trabalho do Marco Legal da Inovação, que tem como objetivo multiplicar e aperfeiçoar leis municipais já existentes neste sentido.

INTELIGÊNCIA PARA ANTECIPAR TENDÊNCIAS E PREVER RECEITAS

Os prejuízos decorrentes da recente greve de caminhoneiros deverão ser sentidos por alguns meses no caixa de muitos municípios. Se por um lado ainda não é possível impedir fatores externos e graves como este, a saída é investir em soluções que permitam a antecipação de dados econômicos dos municípios, refletindo tendências e dando mais tempo para os gestores tomarem decisões estratégicas.

“Temos uma cultura pública muito frágil nessa área, ainda que algumas cidades, como Joinville, façam previsão de fluxo de caixa pelos próximos anos. A tendência é ajudarmos a criar, por meio de parcerias, plataformas que antecipem tendências como uma eventual greve, monitoramento de condições climáticas que impactem na agricultura etc. Até mesmo na questão previdenciária: qual é o impacto da aposentadoria de 300 professores num município no mesmo ano? É preciso gerenciar também como isso se reflete na qualidade da educação aos alunos”, exemplifica Rui Braun, da Fecam.

Durante o Congresso de Prefeitos, temas como Big Data para aumento da arrecadação, sistemas para iluminação eficiente, indústria 4.0, smart cities e o futuro

das cidades estiveram em destaque, como forma de aproximar os gestores públicos de questões consideradas urgentes tanto na demanda tecnológica quanto pela necessidade de redução de custos e aumento de receitas.

“Os municípios estão cada vez mais com novas responsabilidades. Vários convênios com o governo federal estão paralisados desde 2009, outros diminuem os recursos – aí sobra para as prefeituras assumirem os custos. A divisão dos recursos que o país arrecada é injusta e precisamos fortalecer o municipalismo, buscar o pacto federativo”, desabafa Volnei Morastoni, presidente da Fecam e prefeito de Itajaí.

CAPÍTULO 2:

Turismo, educação e tecnologia: cases de transformação e inovação em municípios catarinenses



No meio-oeste catarinense, a pequena cidade de Luzerna (*foto*) se tornou uma referência para desenvolvimento de soluções de tecnologia para empresas da região – e também para criação de novos negócios. O município, que tem pouco mais de seis mil habitantes, emplacou neste ano **seis projetos entre os 102 selecionados** no programa Sinapse da Inovação, que estimula e dá recursos para startups catarinenses. Isso representa quase a metade dos 14 projetos selecionados de toda a região Oeste do estado. Todos os aprovados, que agora receberão recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do governo de Santa Catarina (Fapesc), estão desenvolvendo seus projetos na Incubadora Tecnológica de Luzerna, um projeto público que iniciou em 2010 e que já ajudou a criar 17 empresas. Muitas delas desenvolvidas por jovens que, a partir do oitavo ano na rede pública, começam a experimentar formações técnicas em diversas áreas: desde as mais tradicionais e que são a vocação do município, como metalmecânica e elétrica, até mais aplicadas à tecnologia, como programação, robótica e mecatrônica – sempre no contraturno escolar.

“Na incubadora são todos pratos da casa” afirma o prefeito de Luzerna, Moisés Diersmann, prefeito de Luzerna desde 2013. Esta oportunidade, segundo ele, tem

freado o êxodo de estudantes para o litoral e despertado o interesse de municípios vizinhos, que começaram a mandar jovens para a cidade e a tentar replicar a iniciativa. “A partir do nono ano, o aluno começa a focar em uma das áreas oferecidas. Muitos ficam um ano inteiro desenvolvendo aplicativos. Com 14, 15 anos o gosto por uma nova habilidade é muito grande. Aí com 17 anos muitos já querem empreender”, comenta.

Além disso, as inovações desenvolvidas na incubadora pública ajudaram a dar competitividade na indústria local. “Hoje em dia médicos aqui da região pedem máquinas que os empreendedores e estudantes de engenharia aqui desenvolvem”. É o caso de um dos projetos aprovados no Sinapse neste ano, um braço robótico para auxiliar em cirurgias, que foi desenvolvido pelo estudante Robison Wille, que cursa Engenharia de Automação no Instituto Federal e que terá como parceiro comercial uma empresa da própria cidade, que atua na área de TI para hospitais.

A apresentação da incubadora de Luzerna encantou prefeitos de várias regiões do estado durante congresso promovido em 2017 pela Federação Catarinense de Municípios (Fecam), que começaram a fazer visitas à cidade para conhecer a iniciativa. “A partir disso, surgiu a ideia de criar um banco de dados com diversas soluções desenvolvidas nos municípios do estado e que pudessem ser acessadas por todos os gestores públicos”, comenta Gilsoni Lunardi Albino, diretor executivo do Consórcio de Informática e Gestão Pública Municipal (CIGA) de Santa Catarina.

Em maio deste ano, a entidade lançou o prêmio **Soluções Inovadoras**, com o objetivo de receber das prefeituras exemplos de ações que fizeram a diferença no atendimento à população – várias delas, focadas especialmente nas áreas de Gestão Eficiente e Cidades Inteligentes, foram apresentadas durante o Congresso de Prefeitos, que a Fecam promoveu entre os dias 11 e 14 de junho, em Florianópolis. A resposta dos municípios ao prêmio surpreendeu os organizadores: em um mês de inscrições abertas, foram enviadas 90 projetos já em operação em várias regiões do estado. “Achávamos que a adesão seria mais lenta, mas recebemos muitas soluções. São desde projetos mais simples, praticamente sem custos a outras mais robustas. E isso é importante para

que os prefeitos vejam que muitas coisas podem ser implementadas sem precisar de muito esforço ou recursos”, comenta Gilsoni.

Vários municípios, lembra o diretor do CIGA, começaram a utilizar redes sociais como o WhatsApp para se comunicar de maneira mais rápida com a população e identificar demandas mais emergenciais. É o caso do BiguaZap, lançado em dezembro do ano passado pela Prefeitura de Biguaçu, na Grande Florianópolis, que disponibilizou números de todas as secretarias municipais para que os moradores enviassem informações, sugestões e críticas.

TURISMO E ESCOLA INTELIGENTES

Entre outras iniciativas mais estruturadas, que serão destaque no Congresso de Prefeitos, está a criação dos **Destinos Turísticos Inteligentes**, iniciativa desenvolvida pelo consórcio ligado à Associação dos Municípios da Foz do Rio Itajaí (Amfri) em parceria com o Sebrae/SC. A ideia é integrar 10 cidades da Costa Verde Mar com soluções de tecnologia para levar aos turistas informações sobre os principais roteiros, destinos e infraestrutura hoteleira e de serviços. Por meio de *beacons* instalados nos principais pontos turísticos, o visitante recebe diretamente no celular notificações úteis para o passeio – como contrapartida, a gestão pública da região consegue ter informações precisas sobre quais foram os destinos mais procurados, quais tiveram mais retornos e quanto tempo os turistas ficam nos locais.

O serviço está disponível no trecho litorâneo entre Piçarras e Bombinhas – um dos mais visitados do estado durante a temporada de verão – e também nas cidades de Ilhota e Camboriú. São utilizados 80 *beacons*, ao custo anual de R\$ 30 mil, em toda a região.

O projeto, segundo Vivian Floriani, assessora técnica do consórcio, começou a ser desenvolvido em 2017 e entrou em operação no início deste ano. “Nestes primeiros meses, já impactamos mais de 80 mil pessoas”, calcula Vivian, “mas este é apenas parte

do projeto. Vamos desenvolver também outras ações, como um inventário turístico e um plano estratégico de marketing para agregar valor à experiência dos visitantes”.

O foco agora está na divulgação do projeto em diversas feiras de negócios turísticos, em que a equipe leva óculos de realidade virtual para simular uma viagem pela região – que por sinal, foi uma das pioneiras no país no uso de tecnologia para os turistas: em 2010, já havia sido instalado um totem de atendimento eletrônico de serviços.

Mas não é só a tecnologia que ajuda a mudar a realidade nos municípios. Em Itajaí, por exemplo, uma iniciativa inovadora no trato com estudantes e famílias tem se tornado uma referência para as redes municipais de ensino. É a “Escola da Inteligência”, proposta desenvolvida pelo psiquiatra e escritor Augusto Cury e que busca o desenvolvimento da inteligência, saúde emocional e construção de relações saudáveis – foi o prefeito Volnei Morastoni que tomou conhecimento da ideia e levou à cidade no ano passado. Em 2018, já está sendo aplicada em 31 unidades de ensino, atingindo 12,3 mil alunos e familiares neste ano.

A metodologia passa pela utilização de livros, que são acompanhados tanto por estudantes quanto pelos pais, e estimulam processos de fortalecimento da saúde emocional, hábitos e vontades pessoais. “Não é só o professor que passa o conhecimento. Envolvermos mais as famílias com o objetivo de gerenciar emoções, estimular a criatividade, confiança, auto-estima, altruísmo e assim reduzir o estresse e problemas como depressão e bullying”, detalha Kátia Teixeira de Souza, orientadora educacional da rede municipal e coordenadora da Escola da Inteligência em Itajaí. Uma pesquisa realizada no final do último ano letivo apontou que 98% dos pais, 99% dos professores e 95% dos alunos estavam satisfeitos com o programa.



Segundo Kátia, a depressão entre jovens e o surgimento de comportamentos que indicavam tendências suicidas eram um dos maiores problemas identificados nas escolas. “Se você fortalece a saúde emocional de um jovem de 14 a 16 anos, por exemplo, isso abre novos campos para ele, que começa a procurar emprego e estágio, descobre algo que gosta de fazer. Antes eles não estavam preparados para isso”, comenta a coordenadora. O aumento do absenteísmo de professores, em função de doenças emocionais e síndrome de pânico, também foi fator de preocupação na prefeitura. Na visão de Volnei Morastoni, prefeito de Itajaí e presidente da Fecam, qualquer cidade que pretende se tornar uma referência em inovação precisa investir massivamente em educação, repensando formas de desenvolver os jovens de acordo com cada realidade local. “E isso precisa ser feito desde o ensino fundamental. É um dever formar novas gerações que estejam preparadas para se inserir neste mercado de tecnologia”, opina.

CAPÍTULO 3: Banco de projetos inaugurado no Congresso de Prefeitos vai conectar municípios e startups



A busca por soluções de gestão eficiente e cidades inteligentes pautou boa parte dos debates do Congresso Catarinense de Prefeitos, organizado em Florianópolis pela Federação Catarinense de Municípios (FECAM). Na quarta-feira (13.06), enquanto alguns candidatos à Presidência apresentavam na plenária principal suas propostas aos participantes, 14 startups mostravam projetos inovadores que podem ajudar municípios a reduzir custos, gerar receitas e oferecer serviços inteligentes à população.

Como uma plataforma que permite o compartilhamento de veículos na frota pública, chatbots com inteligência artificial para gestão de saúde ou um sistema online que capacita e conecta produtores rurais familiares com compradores recorrentes de alimentos, como escolas. Estas foram algumas das ideias vencedoras do **Prêmio Soluções Inovadoras**, que selecionou os três melhores projetos nas categorias de “gestão eficiente” e “cidades inteligentes”. Foram avaliados critérios como a potencial resolução de problemas que impactam as cidades, viabilidade e facilidade de implementação e inovação da proposta.

As vencedoras na categoria Gestão Eficiente foram: Sistema VGEO, Leis Municipais Versionadas e Sumá. Na categoria Cidades Inteligentes, os melhores projetos apresentados foram: Fleeter, TNH Saúde e Khronos Ao Vivo.

“Não há outra saída para nós, gestores públicos, senão buscar soluções por meio da tecnologia e da inovação” resume Robson Jean Back, prefeito de São Martinho, no sul de Santa Catarina. Ele foi um dos membros da banca, que também contou com representantes de universidades e empresas privadas na avaliação das startups. “Temos uma enorme dificuldade para tomar decisões em cima de indicadores, as informações estão dispersas em várias secretarias e muitas vezes nem chegam até o prefeito. A falta de sistemas de informação impacta direta e negativamente nos serviços aos cidadãos, por isso precisamos que a universidade e as startups venham nos auxiliar para diminuir o amadorismo na gestão pública e tomar as melhores decisões”, comenta. No ano passado, o município implantou um sistema de comunicação para eliminar o uso de papel e oferecer serviços à população via internet.

Mais do que uma premiação, a iniciativa marcou o **lançamento de um banco de soluções que será compartilhado** com os municípios catarinenses que demandem projetos de tecnologia e inovação. “Essa ideia não se encerra aqui no Congresso, pelo contrário. Vamos ter um canal permanente para fazer a conexão entre as startups e os gestores públicos” antecipa Gilsoni Lunardi Albino, diretor executivo do Consórcio de Informática e Gestão Pública Municipal (CIGA) de Santa Catarina.

Entidades como a Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE) e o departamento de Engenharia de Gestão do Conhecimento (EGC) da Universidade Federal (UFSC) tiveram papel decisivo na organização e curadoria das empresas – a metodologia utilizada é do grupo de pesquisa VIA Estação Conhecimento, que também contribuiu com voluntários. Segundo o diretor do CIGA, essa articulação entre a “tríplice hélice” (gestão pública, academia e entidades privadas) deve se manter para gerar resultados. Além das seis premiadas, as demais empresas que se inscreveram para o evento farão parte deste projeto compartilhado.

“O Banco de Soluções é a melhor entrada em Santa Catarina para uma empresa de tecnologia para a área pública. É muito difícil para as startups terem a oportunidade de encontrar um prefeito e apresentar seu projeto”, comenta Thaís Nahas, consultora da Acate para projetos de Cidades Inteligentes. “Nosso objetivo era conhecer novas empresas e estimulá-las a participar do evento. E nos surpreendemos com o nível de maturidade das startups que se apresentaram”, ressalta.

A Leis Municipais, por exemplo, nem é uma startup. Fundada em 1999, é uma empresa consolidada, com sede em Itapema e que conta com 70 funcionários e quase 2 mil clientes na área pública. A inovação apresentada é uma plataforma que permite a consulta a todas as versões de leis municipais – não apenas o texto que está em vigor mas as disposições que foram alteradas ao longo dos anos.



“Nós surgimos em uma época que a internet estava ainda começando no país e nosso primeiro cliente foi a prefeitura de Florianópolis, em 2000. Na época a cidade foi pioneira ao disponibilizar toda a legislação municipal para consulta pública. Mas com o tempo, as leis vão sendo alteradas e muitas vezes, numa análise jurídica, é preciso voltar no tempo para saber o que era válido antes dessas alterações. A possibilidade de acessar diversas versões de uma mesma lei é uma inovação nossa, com apoio de inteligência artificial”, explica Cícero Liz, CEO e cofundador da empresa (foto acima).

Diariamente, são disponibilizadas no site mais de 4 mil leis – ao todo, são cerca de 4 milhões de documentos legais do setor público.

Grandes empresas catarinenses também apresentaram novidades para a área pública durante o evento. A Softplan lançou o Innova City, solução para otimizar processos e redução de custos para setores como trânsito, tributos municipais e obras. Já utilizada pela prefeitura de Palhoça, a solução permite por exemplo a fiscalização de veículos com irregularidades, defesa de multas, análise de dados na área tributária, além de gerar informações atualizadas em tempo real sobre ocorrências de trânsito com sugestão de rotas. A IPM Sistemas, de Rio do Sul, apostou no aplicativo Atende.Net, que permite ao cidadão interagir e solucionar problemas com a prefeitura de sua cidade diretamente pelo celular.

“Às vezes pensamos que a cidade inteligente é uma coisa para o futuro, mas depende de uma implementação simples de sistemas que já existem. O importante é descobrir novas soluções e buscar estas parcerias com entidades, empresas e universidades. Santa Catarina sai na frente por ter um ecossistema mais organizado, mas nosso papel institucional é apoiar principalmente os pequenos municípios. Queremos que quem atenda as grandes cidades também atenda as menores”, resume Gilsoni, do CIGA.

CAPÍTULO 4:**Como criar um roteiro de inovação para os municípios em Santa Catarina**

Os desafios de levar soluções inovadoras, capazes de ajudar na gestão e na tomada de decisões, e estimular a atração e o desenvolvimento de empresas de tecnologia e startups foi um dos principais recados que o Congresso Catarinense de Prefeitos – que encerrou no dia 14 de junho, em Florianópolis – deixou para os cerca de 2.500 participantes, dos quais 220 prefeitos dos 295 municípios do estado.

Ainda que o ambiente de tecnologia e alguns termos ouvidos em palestras mais técnicas soem estranhos aos gestores públicos, o evento teve como objetivo reduzir o abismo entre a realidade de penúria no caixa dos municípios e a perspectiva de futuro que a economia digital – e o uso de novas ferramentas – traz. Como a aplicação de *big data* para aumentar a arrecadação. “Muito pouco é feito com base nos dados, por isso é preciso usar mais tecnologia. Um município no interior de São Paulo, por exemplo, estava deixando de cobrar imposto de 30% das empresas instaladas na cidade simplesmente porque não tinha conhecimento delas, nem cadastro atualizado”, explicou Bernardo Cabral Leite, gerente de canais da Neoway, empresa catarinense de análise de dados que atua no setor público e privado.

“Nosso papel, a partir de agora, é de ajudar a criar parcerias entre os municípios e empreendedores, em conjunto com as universidades. É preciso produzir inteligência a partir da transformação, da coletivização de dados”, enfatiza Rui Braun, diretor executivo da Federação Catarinense de Municípios (FECAM), que organizou o Congresso.

Para mostrar a outros prefeitos como é possível dar os primeiros passos e criar um “roteiro de inovação”, alguns exemplos e resultados de grandes e pequenos municípios foram apresentados. Um dos casos mais emblemáticos é o de Luzerna, cidade de 5,7 mil habitantes e 630 empresas – uma para cada nove moradores. “Quem quer inovar tem que começar por rever a legislação. A tecnologia avança de maneira muito acelerada e as leis que temos estão muito atrasadas”, opina o prefeito Moisés Diersmann. O caminho, segundo ele, foi dar isenção de IPTU, ITBI, taxas e alvarás para empresas se instalarem na cidade. No Plano Diretor, foi permitida a abertura de negócios mesmo em áreas residenciais.

E não foi preciso reinventar a roda, mas conhecer a legislação de outros municípios e adequar para a realidade local. “Copiamos a lei de inovação da cidade de Três Rios (RJ), que é uma das mais arrojadas do país. Implementamos também o empréstimo a juro zero para microempreendedores individuais, copiada do que havia em Florianópolis”, completa. A mudança legal foi necessária para que a cidade pudesse instalar uma incubadora tecnológica pública, que se tornou uma referência em inovação e novos negócios na região: em pouco mais de cinco anos, formou 17 empresas e conta hoje com 20 startups em desenvolvimento.

Em Florianópolis, o alívio tributário tem sido um fator de atração de empresas. Um dos motivos que fez a plataforma de compras coletivas Peixe Urbano trocar, no início de 2017, o Rio de Janeiro por Florianópolis foi o fato de a cidade aplicar a menor taxa de ISS (Imposto Sobre Serviços), citou Juliano Richter Pires, secretário municipal de Turismo, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico.

AS TRÊS DÉCADAS QUE MUDARAM A ECONOMIA DE FLORIANÓPOLIS

O exemplo de Florianópolis – que há algumas décadas dependia do setor público e do turismo, e que hoje tem no setor de tecnologia seu principal motor econômico – mostra como é possível transformar o potencial de negócios nas cidades. “Até meados dos anos 1980, nós perdíamos os talentos que se formavam nas universidades daqui para outras cidades”, lembra Juliano. Até uma iniciativa do governo federal que, em 1985, direcionou recursos que deram origem à Fundação Certi, ligada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e posteriormente a incubadora Celta e que também permitiu a criação de uma associação unindo as poucas empresas privadas de tecnologia da cidade – a Acate, em 1986. “Foi quando alguns servidores públicos que atuavam na área de tecnologia começaram a migrar para o setor privado. Assim surgiram algumas das maiores empresas de TI que temos na cidade, como a Dígitro e, anos depois, a Softplan”, comentou o secretário aos prefeitos.

A rede de inovação que se criou em Florianópolis a partir do desenvolvimento de novas empresas e a formação de mão de obra de qualidade nas universidades transformou o potencial econômico da Capital: hoje mais de 18 mil pessoas trabalham em mais de mil empresas, segundo o estudo ACATE Tech Report, que faturam por ano cerca de R\$ 11 bilhões. No ecossistema de startups do Brasil, Florianópolis é considerado o maior polo proporcional de novos negócios, além de ocupar a segunda colocação em ranking nacional das cidades mais empreendedoras.

“Florianópolis era uma cidade com poucas opções de trabalho há 35 anos. Mas o desafio hoje é fazer os jovens aprender a empreender, porque o emprego está em forte processo de mudanças e muita coisa ainda vai ser criada. Acreditamos fortemente na colaboração e no potencial de levar as ideias que deram certo em um município para outro”, reforçou Daniel Leipnitz, presidente da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate).

A ascensão de Florianópolis chamou a atenção de outros municípios e também de entidades públicas e privadas interessadas em participar deste cenário. “De um lado, há os municípios com recursos limitados precisando de inovação e, de outro, várias empresas e entidades atuando de forma isolada. Mas se falta recurso não podemos gastar errado. Se todos estivessem juntos, isso economizaria recursos. Por isso,

pensamos: por que não sentamos todos na mesma mesa e criar um movimento de união?”, comentou Jean Vogel, diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Sustentável (SDS) do governo de Santa Catarina. Este movimento deu origem ao **Pacto pela Inovação**, assinado em outubro passado e que envolve compromissos e projetos a serem implementados por autarquias de governo, fundações, federações, entidades associativas e instituições de ensino.

Uma parceria entre a Fecam e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), por exemplo, oferecerá jogos interativos para crianças e adolescentes nas redes municipais de ensino. O projeto é desenvolvido pelo grupo [VIA Estação Conhecimento](#), vinculado ao programa de pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC. A equipe de pesquisadores desenvolveu jogos educativos e material didático para crianças e professores que abrangem as temáticas cidades inteligentes, criativas e sustentáveis, mente empreendedora, startups e habitats de inovação. “Hoje nós competimos com a tecnologia do celular, do computador, da internet, e as crianças precisam aliar a tecnologia ao lúdico contando com a criatividade dos professores”, destacou a vice-presidente da Fecam e prefeita de São Cristóvão do Sul, Sisi Blind.

EPÍLOGO:

Entrevista com André Trigueiro: "Os prefeitos podem desenvolver uma curiosidade cidadã"



Há 11 anos, o jornalista André Trigueiro é o rosto mais conhecido na TV brasileira quando o assunto é sustentabilidade urbana. À frente do "Cidades e Soluções", na GloboNews, Trigueiro percorreu o mundo buscando referências de projetos e ideias que reduzam efeitos nocivos de indústrias poluentes, da falta de infraestrutura urbana ou mesmo de hábitos da população (uso de plásticos e isopor, falta de reciclagem etc.).

Convidado para encerrar a programação do terceiro dia do Congresso Catarinense de Prefeitos, evento que a [Federação Catarinense de Municípios](#) (Fecam) organizou nesta semana em Florianópolis, Trigueiro falou aos gestores públicos que participaram do encontro sobre a necessidade de repensar custos e buscar inovação nas cidades.

Na sua visão, o que é uma cidade inteligente?

André Trigueiro - A expressão em inglês *smart city* passou a ser o carro-chefe de negócios de empresas de software que informatizam dados para tornar a gestão

urbana mais fluida em cidades que podem pagar por isso. Não sou contra, mas o conceito de cidade inteligente, pra mim, extrapola as ferramentas tecnológicas. Elas são bem vindas quando você consegue entender que isso vai transformar para melhor a gestão e você consegue justificar para o eleitor o uso do recurso público. Não dá pra fazer ostentação de tecnologia. Ela pode ser uma ferramenta importante do desenvolvimento da cidade se houver tiver uma leitura clara do custo-benefício. As cidades estão quebradas e o cobertor é curto: vou tirar dinheiro de onde? O deslumbramento com a tecnologia me preocupa.

Como o gestor público de uma cidade pode ajudar a torná-la mais inteligente sem precisar fazer necessariamente um grande investimento?

Me parece que a grande maioria dos municípios brasileiro é pobre, inadimplente e não dispõe de recursos humanos ou técnicos para formatar projetos ou descobrir linhas de financiamento que existem no governo federal ou estadual ou outros fundos para permitir a aplicação desses recursos. Este é um estado de indigência. A iniciativa do Congresso de Prefeitos de criar um Banco de Projetos me parece uma solução simples e adequada para, antes de contratar uma consultoria - e existem os espertalhões nesse mercado, conheço alguns casos horrorosos - ter uma base do que deu certo e pode ser ajustado. Conhecer o que outro município fez, buscar apoio, é o primeiro passo.

O Brasil desperdiça os saberes das universidades. Dentro de um campus você tem pessoas muito qualificadas, com conhecimento e que são desprezadas. Podem ajudar - e sem custo. Pode fazer uma parceria com uma universidade que pode usar o município como laboratório.

A UFSC, nas pesquisas sobre energia solar, é uma das protagonistas no Brasil. A Celesc tem projetos piloto bem ousados e arrojados. Nos últimos seis anos a tarifa média subiu 600%. Todo mundo paga conta de luz. Os prefeitos poderiam desenvolver uma curiosidade cidadã, conhecer melhor esse assunto. Fazer as perguntas certas, olhar pro lado. Quando se acerta a mão na gestão, você tem que reconhecer e pode se apropriar. Nada mais recompensador para um político do que eficiência, não dá pra inventar a roda.

Santa Catarina está desenvolvendo uma rede de inovação envolvendo setor público e privado, mas ao mesmo tempo tem um dos piores índices de saneamento básico do país. Essa não deveria ser a prioridade quando se fala em cidades inteligentes?

A falta de saneamento é o maior problema do Brasil. Aproximadamente 100 milhões de habitantes não estão bem servidos desse serviço e despejam por dia o equivalente a 6 mil piscinas olímpicas de esgoto in natura nos corpos hídricos - é algo vexatório. Ninguém se desenvolveu sem resolver seus problemas de base como o saneamento.

O que te deixa mais pessimista e otimista quando se fala em soluções inovadoras para cidades no Brasil?

O que me deixa pessimista é que inovação existe no vocabulário, mas o Brasil pratica muito pouco. A indústria não inova, com raras exceções. As montadoras rejeitam o carro elétrico porque não querem fazer ajustes no mecanismo - lá fora está aprovada por lei a suspensão de veículo automotor em alguns países importantes. A gente corre o risco de ser o paraíso do atraso, usando tecnologias do século XX em pleno século XXI. Mudança assusta e é um desafio cultural.

Mas sou otimista porque não temos opção. Temos novas gerações que não se sentem confortáveis no ambiente mórbido de perguntas sem resposta com relação a questões ambientais. Se eu tivesse 20 anos eu estaria num coworking buscando parcerias, novas ideias. É inacreditável a facilidade que essa garotada, do nada, cria patentes. Quem está chegando já vem encarando os desafios.

FIM

"CIDADES PARA PESSOAS, SOLUÇÕES PARA MUNICÍPIOS"

Como inovação, tecnologia e gestão eficiente podem transformar os municípios em Santa Catarina

uma iniciativa



Confira a série de reportagens completa - e muitos outros conteúdos sobre empreendedorismo, inovação e novos negócios - no [SC Inova](#)